



ANTÓNIO REIS MARQUES

Velas na Baía

Entre os desportos náuticos, a vela teve sempre a nossa predileção, talvez porque crescemos a ver, da janela da nossa casa, saírem da baía, de velas enfunadas e rumo aos seus pesqueiros, as dezenas de barcas das “armações à valenciana para a pesca da sardinha”.

Do mesmo modo, nos deleitávamos a observar o seu regresso pelo entardecer, cruzando a baía de bolina cerrada, umas em direcção à lota do mar para venda do pescado, outras abicando à praia para desembarque dos pescadores e respectiva varação no areal.

Estávamos ainda no tempo da navegação eólica e a baía, cheia de embarcações de todos os tipos movimentando-se em vários sentidos com suas velas brancas, formava um cenário de grande beleza.

São imagens que a memória nos evoca, quando hoje vemos as alvinitentes velas dos barquinhos em que se vão formando os jovens das escolas do Clube Naval, que tão valioso contributo vem dando aos desportos marítimos e à náutica de recreio.

E isso resulta de um trabalho persistente de muitos anos, que permitiu a construção de instalações adequadas,

com estruturas de acesso ao mar em segurança e, acima de tudo, a capacidade de aquisição e manutenção, sempre dispendiosas, dos respectivos barcos, bem como da disponibilidade de instrutores idóneos.

Sempre foi reconhecido que a vela é um dos melhores meios de formação da juventude e, a sua prática, para além de potenciar vocações marítimas está de harmonia com as tradições desta terra de gente do mar, descendente dos marinheiros que tripularam as armadas da epopeia lusíada.

Com um grupo de rapazes

da nossa geração tivemos ocasião de frequentar, nas águas do Tejo, em Lisboa, um curso de iniciação à vela, e recordamos como era benéfico para a nossa formação, sermos largados num pequeno barco, que aparelhava com duas velas e onde, sozinhos, tínhamos de nos fazer valer para o manobramos, correctamente, dar uma pequena volta e regressarmos com vento contrário.

Mais tarde, e na direcção do Naval, colaborámos nas várias tentativas para a criação de um centro de vela local que, porém, e apesar do apoio da Comissão Municipal de Turismo, não tiveram concretização. Os tempos eram outros e as dificuldades muitas, sobravam as ideias, sonhos, projectos, mas minguavam os recursos e as mentalidades favoráveis.

Assim, para além de uma experiência de curta duração, nos primórdios daquele Clube, em termos desportivos a vela só há poucos anos tem existência na nossa terra.

Todavia, aqueles que como nós gostavam da vela seriam apoiados e estimulados pelos pescadores que dispunham de uma aiola.

Foi pois a bordo dessas pequenas e típicas embarcações sesimbrenses, e ensinados por profissionais da pesca, que conseguimos complementar a nossa aprendizagem.

Umaz vezes ao leme, outras segurando a escota ou cabo de manobra, ainda sem termos a noção de estarmos a fruir um espaço tão privilegiado

«Sempre foi reconhecido que a vela é um dos melhores meios de formação da juventude e, a sua prática, para além de potenciar vocações marítimas está de harmonia com as tradições desta terra de gente do mar»



como é a nossa baía, naquelas manhãs de luminosidade radiosa, lá íamos navegando com a vela latina, quadrangular, chamada de espicha, que é o nome da vara que, atravessada, a segurava ao mastro.

Velas feitas daquele tecido forte e resistente, conhecido por pano cru, e pelas mãos dos próprios pescadores num trabalho que implicava certa perícia, quanto ao rigor das medidas e precisão do corte.

Talhar uma vela, de acordo com o tamanho do mastro, que seria proporcional ao calado da embarcação, era tarefa de especialistas que hoje já não temos.

Ainda que tenhamos hoje o maior número de praticantes dos desportos de mar, isso não significa que haja uma cultura própria, pois nem temos nas nossas escolas básicas ou secundárias, qualquer disciplina relacionada com o mar, matriz da nossa identidade.

As pessoas vão mais à praia do que ao mar, onde Sesimbra foi sempre mais importante do que em terra.

Apesar de toda a sua beleza envolvente é nas águas da sua deslumbrante baía, mormente quando se enche de velas brancas, que resplandece a mais bela e mais autêntica das suas imagens.